

Banqueiro suíço propõe "exposure" voluntária

por Alaor Barbosa
do Rio

A próxima fase da renegociação da dívida externa brasileira, que se está iniciando nesta semana em Nova York, pode incluir um aspecto novo em relação às duas primeiras etapas do acerto externo do País: em lugar de os bancos privados credores serem convocados compulsoriamente para participar do acerto, é possível que se monte um projeto mais flexível, viabilizando participações voluntárias.

A idéia foi levantada ontem, no Rio, pelo presidente da União de Bancos Suíços (UBS), Nikolaus Senn, que está em visita ao Brasil. A UBS é um dos sete membros do comitê de assessoramento para renegociação da dívida brasileira, com empréstimos ao País próximos a US\$ 700 milhões, na estimativa da sua presidente.

A maior flexibilização na próxima etapa da dívida seria para permitir que alguns bancos reduzissem o seu "exposure" em relação ao Brasil, pois alguns foram levados à atual situação de forma involuntária.

"Alguns bancos fizeram empréstimos comerciais de curto prazo e tiveram a sua posição congelada numa determinada época, o que nem sempre interessa à instituição", ilustrou.

Para preencher o vazio de recursos em virtude da saída de alguns bancos, várias alternativas poderiam ser imaginadas, complementou Senn. Uma delas seria os maiores bancos suplementarem esses recursos com aporte de dinheiro "novo". O presidente da UBS disse que os grandes bancos estariam dispostos a aportar esses recursos, "em comum acordo com o Fundo Monetário Internacional". Outra saída seria converter uma parcela dessas dívidas em títulos (bônus), colocando-os no mercado internacional. Essa opção, porém, poderia implicar eventuais deságios (com conseqüentes prejuízos) para os bancos credores que optassem por essa estratégia.

A União de Bancos Suíços não está preocupada com a situação brasileira. "O País está com uma forte gripe, precisa cuidar-se mas não há nenhum sintoma de câncer", comparou.